

CORPO-PROSTITUTO

MALE PROSTITUTE BODY

Dorinaldo dos Santos Nascimento¹

Resumo: Para este trabalho, elegemos dez narrativas de expressão homoerótica (contos e romances), de autores e períodos díspares, com o propósito de analisarmos numa perspectiva diacrônica/panorâmica e pela interlocução teórico-crítica entre estudos literários e culturais (questões de gênero e sexualidades), produções literárias nacionais que plasmam em seus enredos o corpo masculino mercantilizável de sujeitos prostitutos e as inter-relações e desdobramentos com personagens clientes no negócio do sexo.

Abstract: For this paper, we chose ten narratives of homoerotic expression (short stories and novels), from authors and distinct periods, with the purpose of analyze in a diachronic / panoramic perspective and the theoretical-critical interlocution between literary and cultural studies (gender and sexuality issues), national literary productions that shape in his plots the merchantable male body of prostitutes subjects and the interrelationships and offshoots with client characters in the sex business.

Palavras-chave: Prostituição masculina; Homoerotismo; Literatura brasileira.

Keywords: Male prostitution; Homoerotism; Brazilian literature.

O conto “O menino do Gouveia” ([1914?] 2017), que preludia este estudo diacrônico/panorâmico acerca do corpo-prostituto², tem a sua autoria registrada sob o pseudônimo de Capadócio Maluco, escritor, narrador e personagem da história. É a ele, durante um encontro sexual, que Bembem, adolescente de treze para catorze anos, conta sua história. Precisamente, ele narra sua trajetória sexual despertada pelo intenso desejo de ser penetrado pelo tio, com quem morava até o momento em que manifestou a intenção de enlace sexual com o parente, o qual o rejeita, resultando-lhe na expulsão de casa. Na rua, ele perambula no Largo do Rossio, um famoso *rendez vous* carioca ao ar livre (e também ponto de prostituição), onde homossexuais da época iam em busca de outros parceiros sexuais. Lá encontra o Gouveia³ e com ele o jovem personagem tem sua iniciação sexual descrita em pormenores

1 Doutorando em Estudos Literários (UFU) com pesquisa intitulada *Configurações do corpo-prostituto: Gasparino Damata, Marco Lacerda e Marcelino Freire*.

2 Em nossa pesquisa, o termo corpo-prostituto foi pensado para funcionar como uma noção operacional no desenvolvimento do trabalho. A inserção do hífen na formação do termo tem o propósito de produzir um substantivo composto (processo de composição por justaposição), de modo a desfazer a condição de adjetivo da palavra “prostituto”, que estando ao lado de “corpo” (sem hífen), serviria como referência aos dois gêneros, ou seja, o corpo prostituto: masculino ou feminino. Por outro lado, ao propormos o termo como substantivo composto (com hífen), buscamos assinalar o gênero como marcador do sujeito masculino que se prostitui, o que é categoria fundamental de análise. Além disso, adotar o vocábulo “prostituto” como forma de posicionamento investigativo contraria uma ordem histórica e social falocêntrica, que impôs ideologicamente ao longo do tempo o uso do termo “prostituta” com toda carga estigmatizante ao ser feminino concomitante ao apagamento do termo no masculino (“prostituto”). O termo corpo-prostituto pretende contemplar uma multiplicidade de sujeitos, tais como: bagaxa, garoto de programa, boy de programa, michê, prostituto, gigolô, acompanhante, *toy boy*.

3 A designação Gouveia, segundo Green e Polito (2006), era uma gíria em voga naquele período para fazer referência ao homem mais velho que tinha interesse por homens jovens. Por sua vez, nesse âmbito lexical das gírias, Bembem, que nomeia o protagonista do conto, era de-



na narrativa.

No desfecho do conto, sabemos que Bembem, após sua primeira incursão sexual, afirma ter se relacionado sexualmente com mais de quinhentos homens. Esse dado coaduna-se com as expressões utilizadas pelo narrador para referir-se a ele, tais como “puto matriculado”, “putíssimo rapaz”, “mãomacia e profissional” e “bunda profissional”. No período de publicação do conto, havia uma associação direta e ofensiva entre a homossexualidade e a prostituição (GREEN, 2000). O termo “puto”, por exemplo, utilizado pelo tio de Bembem no momento em que o rejeita – “Safá! que putos me saiu o rapaz!” (MALUCO, 2017, p. 35) –, designava pejorativamente os homossexuais afeminados e passivos, tidos, de modo discriminatório, como pessoas vinculadas à prática marginal da prostituição.

É no âmbito da prostituição que propomos a visada interpretativa. Entendemos a condição de expulsão/fuga de casa do personagem Bembem, a qual o faz errar pelas ruas do Rio de Janeiro – resultando na vulnerabilidade de quem sobrevive à margem da sociedade – como um lançar-se ao encontro da prostituição. Isso ocorre em virtude do desamparo, visto não haver outrem que o acolha, e sobretudo da necessidade premente, com acentos hiperbólicos, de satisfazer uma libido bastante acentuada evidenciada sob o desejo de ser “penetrado” por outros homens. Nesse sentido, as expressões utilizadas pelo narrador para caracterizá-lo evidenciariam as suas habilidades e a expertise durante o ato sexual (de um corpo-prostituto), podendo corroborar, nessa perspectiva, a quantidade numerosa de parceiros sexuais com os quais o personagem gaba-se já ter transado.

Desse modo, Bembem representa ficcionalmente o corpo-prostituto “bagaxa”, mas, conforme explicitamos, trata-se de um personagem histórico pouco conhecido. Os bagaxas aparecem documentados em discursos médicos desde o período oitocentista, quando eram nomeados “bagaxa passivo profissional” ou “uranistas profissionais” (GOMES JÚNIOR, 2017). Bembem, acentuadamente efeminado, retratando um estereótipo construído pelo discurso médico-científico acerca dos homossexuais naquele período, é o único personagem prostituto dentro do mapeamento realizado nesta pesquisa que, no espaço da literatura que tematiza a prostituição masculina, destoa dos demais personagens ao se prostituir sem a discursividade, corporeidade e gestualidade da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1997; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2015). Ele também se diferencia, assim como o corpo-prostituto protagonista do conto “Confissões de um jovem michê”, de Aguinaldo Silva (personagem a ser analisado adiante), por evidenciar de modo explícito o comprazimento e a autossatisfação do prazer sexual por meio da prostituição.

Com um hiato de quatro décadas sem narrativas (não localizadas) que tematizam o corpo-prostituto, encontramos, nos anos sessenta, o breve, alinear e elíptico conto “O encontro” de Samuel

signativo para rapazes que desejavam sexualmente outros homens mais maduros.



Rawet, presente no livro *Os sete sonhos* (1967). Nele, com contornos cinematográficos, pela composição de imagem, o ápice e o desfecho desenvolvem, por meio da voz do narrador heterodiegético, uma cena funesta, estranha e bastante simbólica em que um personagem corpo-prostituto assassina, em uma rua escura e erma, o cliente. Esse, para atraí-lo, lança notas de dinheiro ao chão, como se jogasse iscas a um animal predador. Acompanhemos um trecho:

Principiou [personagem cliente] a tirar o dinheiro que pusera no bolso da camisa, e a soltar as notas uma a uma. Percebia pelas pausas dos passos que o tipo [personagem prostituto] se abaixava para recolhê-las. Também ele principiou a fazer pausas. Soltava as notas de cinco em cinco, depois de duas em duas. Prolongava-se o instante, e cada vez mais iam ficando longe as luzes, até que delas se apercebia o halo leitoso franjando o horizonte. Então, voltou-se. O tipo encarou-o *duro*, maciçamente *duro*, na certeza de que além do trabalho, e além do que havia recolhido, haveria ainda mais pelos bolsos. E mais *duro* ainda porque era suficientemente sagaz para perceber a humilhação. Foi então que ele deixou cair o último maço de notas no centro da pequena clareira em que se encontravam, a dois passos um do outro. E se aproximou do tipo que o esperava tendo na mão o brilho de uma faca, lâmina larga, dois gumes, e ainda conseguiu abraçá-lo, e beijá-lo antes que um reflexo de prata e sangue lhe tingisse os olhos. (RAWET, 1967, p. 25-26, grifos nossos)

Sublinhamos haver na cena recortada, a (homo)erotização do crime, o ato de matar outro homem por quem o desejo é interdito, resultado da forte mentalidade heteronormativa que, inclusive, se materializa linguisticamente por meio da reiteração do significante “duro”, o qual pode estar relacionado de forma direta com a ideia heteronormativa da função de um masculino nos moldes hegemônicos. Decorrente disso, o personagem prostituto sente um peso ambivalente: do ódio à excitação, do tesão à repulsa, ao se prostituir com outros homens. “Ao receber a metade [dinheiro] já o odiava suficientemente. Enrolando as notas no bolso da calça, seus dedos miúdos e endurecidos alisavam a própria coxa e afagavam seu membro entumecido” (RAWET, p. 23), diz o narrador.

Desse modo, o corpo-prostituto, ao ser contratado e receber dinheiro pelo sexo – sem dúvida, um estratagema mental para lidar com o desejo homoerótico –, experimenta o estado de excitação que oscila entre o desejo irrefreável pelo sexo com outro homem e o desejo de exterminá-lo. O personagem ignora, de modo intermitente, o possível sexo com mulheres (“das redondezas” e “dos cubículos do hotel”), ou seja, sua heterossexualidade compulsória. Esta, contudo, se sobrepõe na sua psique, o impelindo ao crime homofóbico por meio do qual ele busca matar, além da vítima, seu próprio desejo pelo corpo de outro homem.

A cena final do conto deixa subjacente a ideia da homossexualidade como queda, a aniquilação do sujeito que orienta seu desejo para outro de mesmo sexo. A homossexualidade como uma

transgressão ao interdito, que se associa ao noturno – possui toda uma semântica daquilo que não pode ter visibilidade. Além disso, a conotação de aniquilamento se materializa na figura do personagem cliente que, num gesto bizarro, sai lançando ao chão notas de dinheiro e vivencia também sua homo(sexualidade) pela prostituição. No entanto, esse gesto não se refere apenas ao dinheiro, pois o próprio personagem lança-se ao abismo, assumindo os riscos ao (des)encontrar-se com o desconhecido corpo-prostituto. Quando é esfaqueado, ele experimenta metaforicamente o prazer (próximo do gozo orgástico) ao sentir a penetração da lâmina em seu corpo, depois do abraço e do beijo. Enfim, trata-se de um enlace sexual possível somente como um ato de morte.

No conto “Aprendizado” (1968), de Luiz Canabrava, publicado no livro *Histórias do amor maldito*, organizado por Gasparino Damata, o narrador heterodiegético relata uma experiência contingencial de sexo monetizável entre o adolescente Túlio e um senhor mais velho, de “olhos ávidos, radar humano sempre na expectativa de esbarrar com alguém. Na certa, procurava algum dos rapazes das redondezas” (CANABRAVA, 1968, p. 111). A contingencialidade acontece quando o imberbe garoto: “bonito e forte, sem dúvida. Satisfeito com a própria imagem, tostada de sol e dividida pela marca branca de shorte” (CANABRAVA, 1968, p. 112), entediado com sua vida pequeno-burguesa, sai do ambiente doméstico após uma das reiteradas desavenças entre os pais e depara-se casualmente na rua com o senhor que o atrai até o seu apartamento.

A cena de sexo entre eles, que é não explicitada pelo narrador – pois há apenas a descrição da preparação para o ato – é sucedida pelo exitoso artifício verbal do garoto para conseguir recompensa financeira pelo sexo, dizendo:

– O senhor sabe, tenho um encontro amanhã com aquela garota da qual lhe falei, mãe é fogo, minha mesada acabou [...] e o velho está chateado por causa das minhas notas deste mês no colégio, será que o senhor... gaguejou. [...] Tirou o dinheiro de uma gaveta, com certo cuidado para que o menino não visse tudo o que tinha lá dentro, enfiou-o no bolso de Túlio [...] No elevador, manteve a mão no bolso, tentando calcular, pelo tato, a quantia que o doutor lhe dera. Eram duas notas de mil cruzeiros que ele, já na rua, examinou à luz de uma vitrina. De repente, lembrou-se dos pais, sentiu um nojo por tudo, pelo dinheiro e pelo doutor e com gesto repentino, de menino birrento, rasgou uma das notas ao meio. “Merda!” – rosou e, incontinentemente, resolveu: “colo-a depois”. Deu um muxoxo e correu, assobiando. (CANABRAVA, p. 119)

A compensação monetária pelo sexo parece assumir uma conotação ambivalente para Túlio. Dizemos isso, pois, além de significar uma forma de o garoto intercambiar sexo/dinheiro com um sujeito homossexual mais velho – o qual ocupa o lugar de abjeto e só consegue gozar sexualmente pagando outros corpos desejados –, também pode configurar mecanismo psíquico de escamoteamen-

to de desejos homoeróticos do personagem, como relata o narrador: “Inconscientemente, ele [Túlio] se defendia falando em mulher, para que o outro não pensasse que fosse viado” (CANABRAVA, 1968, p. 117). Seus desejos possivelmente são interditados por valores heteronormativos, os quais forçam o garoto, na posição de corpo-prostituto, a buscar justificativa pelo ato sexual homoerótico, ou seja, para ele, a vivência homoerótica seria legitimada porque é somente uma forma de ganhar dinheiro. Assim, Túlio constitui sua identidade masculina nos moldes hegemônicos, por isso fica disposto a demonstrar sua virilidade pela via da força física, assim como pela relação de poder ao atuar na posição sexual de ativo: “Pensou: se ele se aventurar no que eu não quisesse, dou-lhe uma porrada” (CANABRAVA, 1968, p. 118).

O “aprendizado” que nomeia a narrativa assume dupla significação. Primeiro, por apontar para a iniciação sexual homoerótica do adolescente e, segundo, por conferir-lhe por meio do sexo pago ensinamentos (aprendizado) de como ser um possível corpo-prostituto, intercambiando e beneficiando-se financeiramente de homossexuais, não apenas do “doutor” da narrativa que se configura como o agente deflagrador para a dupla iniciação de Túlio.

Já nos anos 1970, no conto “A desforra” (1975), publicado no livro *Os solteirões* de Gasparino Damata, o personagem central é um solteirão coroa (Ferreira) que elabora para si, sem pudores nem autocensura, uma perspectiva de vivência erótico-sexual ancorada na mercantilização de suas relações estabelecidas com “garotões”. Para o personagem, não há nenhuma mácula de indignidade em financiar rapazes, ao contrário: “Em matéria de amor, só acreditava no prazer comprado, isto é, no garoto que topava exclusivamente por dinheiro, ou vantagens altas, que sabia tirar partido da situação, tudo feito com o máximo de sinceridade, sem hipocrisias para não deixar ninguém iludido” (DAMATA, 1975, p. 141-142).

Bem afortunado financeiramente e com uma rede de amigos da alta sociedade carioca – que também paga e/ou concede bens materiais a rapazes em troca de companhia e sexo –, o personagem amante das artes plásticas mantém constantemente arranjos relacionais com garotos que se prostituem na zona sul carioca. Ele preferencialmente escolhe os morenos, sustentando-os em sua residência, conforme ocorre com o personagem Laércio, garoto oriundo do interior mineiro, jogador de futebol, que assume a configuração de corpo-prostituto *toy boy*⁴. Acompanhemos a descrição do personagem ajustado nessa condição:

Sua vida com Ferreira, nos primeiros meses, se por um lado foi um mar-de-rosas – pois o dentista o cobria de presentes, levava-o a jantar em restaurantes caros, ao teatro e a bons cine-

4 Essa expressão é da língua inglesa de uso contemporâneo e faz referência a homens geralmente muito jovens e considerados atraentes pela aparência física. Seus mantenedores, ao possuírem poder monetário elevado, tratam-os como “brinquedo” moldável aos seus desejos/fantaisias, além de compor uma parceria socialmente “feliz”



mas –, por outro lado tornou-se em pouco tempo, rotineira, sufocante, por vezes intolerável, verdadeira *prisão de luxo* [...] Sem ter o que fazer, distraía-se lendo Grande Hotel e livrinhos de sacanagem [...] deitado no sumiê da saleta, exibindo as belas coxas lisas e bem torneadas, o sexo volumoso, como um *bicho de estimação* preso em casa para não sair à rua e não se misturar com outros, da raça inferior [...] Ferreira e os três parceiros jogavam até altas horas da noite, deixando-o de lado, sem se preocupar, como se ele fosse *um embrulho* que a pessoa deixa num canto e que depois volta para apanhar, certa de que ninguém tocou ou levou para casa. (DAMATA, p. 113-134, grifos meus).

Se por um lado, o *toy boy* damatiano ascende, socialmente, passando a ter um estilo de vida confortável, desapegado de obrigações da ordem do trabalho, com uma rotina despreocupada de acordar tarde, ir à praia diariamente, frequentar restaurantes caros, vestir-se com roupas da moda etc., inserido na alta sociedade carioca, por outro, o personagem assume uma posição de objetificação pelo seu mantenedor, que o trata como um “brinquedo” financiado (“bicho de estimação”, “embrulho”), objeto-troféu para os amigos, a serviço de suas vontades, desejos e conveniências. Além disso, Laércio negocia sua identidade sexual em conflito, ao assumir a posição de “hétero” defensor de uma identidade masculina orientada pelo desejo ao feminino, ao mesmo tempo em que é mantido por um homossexual que o penetra sexualmente.

Desse modo, no jogo de trocas do *toy boy* damatiano, a questão dos papéis sexuais é expressa por uma intensa preocupação do personagem quanto ao risco de feminização por meio da tentativa de preservação do seu capital erótico associado à masculinidade hegemônica ao mesmo tempo que estabelece com o seu amante/mantenedor um arranjo de trocas no sentido de obtenção de dinheiro, acesso a bens de consumo, ascensão social e até inserção cultural (NARDI, 2010).

No conto “A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social”, presente no livro *A meta* (1976), além do longo e irônico título que joga com os sentidos em referência à imoderação sexual e ao estofo socioeconômico do protagonista homossexual de meia-idade, é evidenciada a representação do corpo-prostituto que ocupa o lugar do sujeito subalternizado, objetificado e sobretudo aviltado. Quase que inteiramente, a história narra em detalhes a efervescente, promíscua e hedonista vida sexual de um alto executivo paulistano com inúmeros parceiros. No desfecho do conto, o endinheirado “coroa” decide terminar sua noite recorrendo aos serviços da prostituição de rua, como mostra o seguinte trecho:

Precisava encontrar alguém fácil, que resolvesse logo e que não exigisse “charme” da parte dele para a conquista. Um profissional resolveria bem o caso. No início da 24 de Maio reduziu a marcha e pôs os óculos para observar a “mercadoria”. A primeira que viu foi uma bicha magra. “Horrrível, pensou, parece um brevíário contra a luxúria” [...] Os seguintes fizeram gestos bem objetivos: eram dois meninos imberbes e com corpos ainda infantis, mas com as mãos

nos bolsos das calças projetavam os sexos para frente, afim de aumentar o volume [...] O oitavo ou nono, quase no fim do quarteirão era entroncado, forte, gênero nortista, aparentando estar com dezenove anos. “Este serve. Parou e tratou. (PENTEADO, 1976, p. 87).

O protagonista deseja a praticidade, a impessoalidade e a facilidade do sexo pago que atribui aos corpos valor de uso e de troca. Ao repelir o corpo-prostituto “bicha” e dispensar os corpos infantis, o rico engenheiro interessa-se pelo corpo-prostituto másculo e robusto de um jovem lupenizado. Este é caracterizado pela estereotipia toponímica remissiva ao norte brasileiro, cujo imaginário associa-o ao sujeito rústico, viril e potente sexualmente – pensamento similar em relação aos homens nordestinos.

Mesmo ouvindo do corpo-prostituto semialfabetizado que está recém-desempregado, prestes a ser despejado e sem comer desde a manhã, o rico executivo finge ter menos dinheiro para depois propor ao jovem uma oferta monetária mais elevada com o propósito de penetrá-lo, sabendo previamente que o garoto só aceitaria o programa se fosse ativo. O jovem prostituto, então, aceita a oferta do executivo: “O rapaz gemeu muito. Deveria ser mesmo um iniciante. ‘Não foi nada de muito especial’ [...] Mas fora excitante poder aviltar o outro até aquele ponto. Assim sendo compensara” (PENTEADO, 1976, p. 88).

Ressaltamos que o personagem não apenas quis comprar o poder do gozo, mas sobretudo desejou sentir o gozo do poder por meio do comprazimento perverso e agenciador do poder financeiro, para objetificar, sentir prazer, excitação e emoção pelo aviltamento do jovem corpo-prostituto. Desse modo, o sujeito pagante pelo sexo goza duplamente, ejaculando e ostentando seu poder ao espezinhar o corpo subalternizado e mercantilizável do garoto de programa de rua lupenizado.

Adentrando na década de 1980, João Gilberto Noll, no romance *A fúria do corpo* (1981) entrelaça a inscrição homoerótica no espaço público da metrópole ao exercício da prostituição. O narrador-personagem – andarilho que conduz a narrativa em um elaborado fluxo de consciência – seguindo um ritmo irrefreável onde o corpo parece nunca saciado, extravasando lubricidade e êxtase, às vésperas do carnaval, envereda-se no mundo da prostituição na tentativa de ajudar Afrodite – a sua amada que se prostitui numa boate –, a pagar o imóvel (“apoio domiciliar precário”) onde pousavam por um tempo. Em busca de dinheiro, ele endereça-se para a Avenida Nossa Senhora de Copacabana (ponto também de garotos de programa, travestis e prostitutas). Após fazer todo um jogo de sedução, gestos e manipulação do pênis deixando-o ereto, recebe abordagem e proposta monetária de um cliente que o leva para seu amplo e luxuoso apartamento.

A cena de sexo entre os dois ocorre ao som da emblemática cantata *Actus Tragicus*, de Bach,

apontando “diretamente em sua nomenclatura para a tragédia do ato que, embora traga dor ao narrador, tem sua força trágica no fato de ser realizado por dinheiro” (CAMARGO, 2014, p. 173). O narrador descreve detalhadamente o ato sexual com o cliente: sua inicial resistência em ser penetrado por um homem – segundo ele, a primeira vez; o pensamento no dinheiro e no necessário desprendimento; e o essencial despudor para ser um “profissional do sexo”, o qual comercializa o corpo e precisa atender aos desejos e fantasias de quem está pagando. Posteriormente, relembra a situação e faz uma reflexão desconcertante acerca da condição de prostituição em paralelo às formas convencionais de trabalho:

Eu nunca tinha sido puto neste sentido mais ortodoxo da palavra. Puto, ter dado o buraco que tinha em troca de grana, o comprador fez do meu rabo o que bem entendeu, enfiou nele a pica dura, poderia ter enfiado um porco-espinho e eu não poderia reclamar, o comércio é assim, eu estar ali era trabalho, o trabalho cada dia mais difícil na Cidade, entre estar num escritório com ponto batido quatro vezes ao dia e dar o cu não havia dúvida: dar o cu; o cu legítimo, não o cu figurado e sordidamente eufemístico que damos pela vida afora até morrer (NOLL, 2008, p. 107).

Podemos pensar que, mesmo marginalizando seu corpo, objeto de uso sexual, submetendo-o aos desejos e às preferências de quem lhe garante dinheiro e, ao mesmo tempo, sentindo a violência física do ato sexual, pois “dar o cu doía mais que o prego na cruz mas valia as três notas novinhas” (NOLL, 2008, p. 112), a voz crítica do narrador evidencia a sua posição: entre prostituir sua força de trabalho (no escritório, por exemplo) e prostituir seu corpo, ficaria com essa opção. Ele, ao contrastar a marginalização do sujeito que se prostitui (“dar o cu; o cu legítimo”) com as regras capitalistas de trabalho socialmente consagradas (“dar o cu figurado e sordidamente eufemístico que damos pela vida afora até morrer”), faz ecoar sua crítica à mais-valia capitalista. Na perspectiva de pensamento do narrador, corpo-prostituto interpelador, a força de trabalho canônica (com regulações, coerções) não seria superior à prostituição.

É necessário sublinhar que na narrativa de Noll assim como no conto “O menino do Gouveia” – guardadas as devidas diferenças entre os dois objetos literários no que concerne ao registro estético e modos de representação –, há um ponto de contraste que as distingue praticamente de todas as narrativas que tematizam e descrevem as relações sexuais entre personagens prostitutas e clientes: a centralidade na descrição do ânus em oposição à hegemonia fálica do pênis. Em face desse aspecto, os dois personagens prostitutas, de Noll e Maluco, se dissociam dos demais garotos de programa presentes na ficção brasileira por inscreverem o ânus como moeda de troca (sem coação) no jogo das intercambialidades do negócio do sexo.

Ainda no espaço público da rua, no conto “Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror”, pu-

blicado no livro *Que os mortos enterrem seus mortos* (1981) de Samuel Rawet, acompanhamos a inquieta e infeliz “caçada” do protagonista em busca de parcerias anônimas, ocasionais e sem compromisso no circuito de espaços públicos cariocas (Lapa, Passeio Público) – lugares timbrados, em especial, pela prostituição. À deriva, o personagem vaga à espreita de possíveis encontros fugazes de sexo “[...] na expectativa de uma sucessão de acasos que lhe permitisse enfim uma presença a dois em que toda fome afetiva se realizasse num contato sôfrego de dedos ou lábios, no intervalo de uma presença e outra” (RAWET, 2007, p. 148). Durante a sua perambulação pela madrugada (entre 1h10min e 2h45min), lemos, por meio de um narrador heterodiegético, duas curtas imagens vinculadas ao universo do sexo pago.

Na primeira, o protagonista, enquanto anseia que surja algum parceiro de sexo, assiste a uma típica cena de abordagem/transação, marcada por gestos e interesses, entre um cliente que se aproxima num carro e um corpo-prostituto que negocia o programa:

Um automóvel diminui a marcha quase à sua frente [o protagonista em busca de sexo] e os olhos se acendem ao vislumbrar a camisa vermelha, e uma cabeça de sombras. Desloca-se para o meio-fio. Mas o carro estaciona além, junto a um negro magro e alheado. Hesita. Coça a braguilha e uma cabeça se aproxima do vidro baixado. O negro se curva, cumprimenta com a mão displicente, responde vago às perguntas, aceita um cigarro, ergue os olhos em direção ao Aterro enquanto de cotovelo na porta, curvado, ampara o corpo com uma ideia de equilíbrio. A mão lânguida, do interior, roça seus dedos e descansa no dorso, os dedos do negro se agitam, gira a palma, e os dedos se entrelaçam. O negro sorri. (RAWET, p. 148-149).

A cena faz um desenho coreográfico das interações erótico-sexuais presentes no sexo pago no espaço da rua e dos códigos não-verbais agenciadores de desejos entre os sujeitos interessados em negociarem um programa, tais como: o movimento e fricção na braguilha do corpo-prostituto sucedido pelo abaixamento do vidro do carro do cliente; a languidez e displicência das mãos; o gestual das poses e trejeitos do corpo que se expõe para o olhar desejante do outro; o roçar e encontro das mãos; e o sorriso anuente à transação em curso. Além disso, o corpo-prostituto negro é duplamente simbólico, geralmente, como jovem empobrecido, mas principalmente por figurar enquanto objeto da “racialização do desejo” (SANTOS; PEREIRA, 2016, p. 133). Ou seja, trata-se do corpo negro como objeto de desejo e fetiche, sinônimo de virilidade, potência, lubricidade.

Isso se coaduna com outra rápida imagem em que aparece a figura do garoto de programa designado como “mulatinho”, mais um personagem marcado pela racialização: “Um rapazote vinha da rua do Passeio [...] O rapazote meio que para não para, olha de viés [...] A lâmpada acentua o volume nas virilhas” (RAWET, 2007, p. 149, grifos nossos). O volume nas virilhas remete à dimensão acen-

tuada do órgão genital do personagem “mulatinho” disponível no mercado do sexo. Depreendemos, enfim, que os dois personagens prostitutos, de matriz étnica negra, simbolizam, pela fetichização erótica, a ideia de uma hipersexualidade e objetificação em sua sexualidade, ficando, de modo negativo, reduzidos e encerrados nessa objetificação muito frequente na prostituição.

Ainda nos anos 1980, Aguinaldo Silva, no livro *Memórias da guerra* (1986), dá corpo à narrativa “Confissões de um jovem michê” que, de modo predominante, compreende um diálogo/entrevista entre o narrador/jornalista e Rodrigo, um garoto de programa: “Com uma incrível capacidade de articular frases” (SILVA, 1986, p. 84), que vai à procura do jornalista em busca de aconselhamentos intelectuais a fim de escrever um livro sobre suas experiências como corpo-prostituto.

Ao longo da entrevista, o personagem vai relatando múltiplos aspectos de suas experiências na prostituição. Uma das confissões de Rodrigo nos chama atenção: “Eu adorava transar com homem. Por isso fui pra rua, fui fazer esquina [...] adorava dinheiro, queria mais dinheiro” (SILVA, p. 88). Essa revelação do personagem o diferencia dos outros sujeitos ficcionais prostitutos analisados nesta pesquisa, pois, ele vocaliza explicitamente que a motivação para se prostituir não se ancora apenas no retorno financeiro, mas também no próprio agenciamento dele ao converter a prática da prostituição em fonte de prazer sexual. Assim, o imperativo da necessidade desencadeante para o ingresso no mercado do sexo não é preponderante para a decisão do personagem de prostituir-se já que o irmão dava-lhe dinheiro. Portanto, no espaço da prostituição, Rodrigo engaja-se na conjugação do prazer com dinheiro, que é também um forte elemento agenciador para ele. Nesse sentido, vejamos outra confissão do personagem:

As pessoas dizem que um michê leva uma vida vaga, é um filho da puta, não sabe pensar. Ele pensa sim. Inclusive quem vive nessa vida tem um senso de psicologia até maior [...] o michê tem sempre um plano para o futuro [...] *you tem dinheiro guardado?* [jornalista]. Tenho sim. Pra ver se quando velho posso viver de rendas [...] eu saí de uma família boa, então tenho muitos primos economistas, entendo um pouco de investimento de capitais [...] Porque eu não quero estar pobre quando a minha beleza acabar. (SILVA, p. 99, grifos do autor)

Além de não integrar o majoritário grupo de personagens prostitutos lupenizados geralmente representados pela ficção, o escolarizado Rodrigo figura como corpo-prostituto que reflete sobre a sua condição de prostituto, revelando um espírito interpelador face ao olhar redutor e discriminatório de outrem. Tal fato evidencia um senso empreendedor de futuro em relação ao dinheiro obtido pelo sexo mercantilizado e uma perspectiva lúcida e crítica a respeito da efemeridade do seu monetizável corpo jovem e atraente. Por fim, Rodrigo revela, com a força da argumentação (pela funcionalidade e pelo exemplo), o porquê de suas práticas sexuais mercantilizadas serem encaradas e aceitas como

atividade profissional de “utilidade pública”, dizendo:

Eu considero isso [prostituição] uma profissão. Porque você vê: se as pessoas te pagam, é porque as pessoas precisam disso, não é? E se elas precisam, a coisa tem que existir. Quanta gente às três da manhã não está chorando em casa, solitário, e aí sai de carro, vai numa esquina de Copacabana, pega um garoto, um michê, e durante uma hora esquece tudo e é feliz? – *Pra arrematar: com isso você quer dizer que a michetagem é – digamos assim – um serviço de utilidade pública?* – Como as ambulâncias, os supermercados, os bancos, os táxis... De utilidade pública; é isso aí. (SILVA, p. 100, grifos do autor)

Acresce ao breve percurso proposto, o romance *A céu aberto* (1996), de João Gilberto Noll. Nele, mesmo que em recorte, aparece a representação da velhice como abjeção e a sua relação com os perigos assumidos pelo sujeito pagante pelo sexo em determinados territórios de prostituição e/ou a malícia e periculosidade de rapazes que se valem de seu capital erótico no mercado do sexo para atrair e cometer práticas escusas. É o que ocorre com o personagem Arthur, um pianista envelhecido, que sente o peso da infelicidade da deserotização enquanto sujeito desejante/desejado recorrendo à prostituição:

[...] olha a minha idade, vejo que nenhum homem poderá se *interessar verdadeiramente* por mim, só se for pelo meu antigo rosto sem papada e bolsas sob os olhos, só se for pelos meus braços de outrora que ostentavam alguma malhação até pela ajuda do piano, só se for por este outro homem que já se esborou em mim; pois que cara em sã consciência pode vir hoje até aqui, e escavar com sua língua a minha boca cheia de próteses dentárias alcoolizadas [...] mas, eu continuo querendo o garotão lá no fim das minhas madrugadas e pago ao garotão que de outra maneira não me procuraria nem espetaria sua barba por fazer no meu pescoço como peça... (NOLL, 2008, p. 24, grifo nosso)

Arthur converge para a busca de companhias fugazes pagas manejando sua libido na fronteira entre o prazer e o perigo. O narrador relata um episódio em que o boêmio personagem chega tarde da noite em casa embriagado e acompanhado por dois rapazes: “Ambos com suas camisas presas em volta da cintura” (NOLL, 2008, p. 26). São esses sujeitos, dois garotões “com sorrisos zombeteiros” (NOLL, 2008, p. 26), encontrados por Arthur na rua que se aproveitam da vulnerabilidade ética do personagem para roubar-lhe a carteira. Por fim, há no personagem envelhecido a procura pelo corpo-prostituto em saunas de prostituição masculina, o que lhe resulta em uma situação de exposição e vexame ao ser detido pela polícia após uma batida numa sauna *gay* que mantinha menores de idade como massagistas.

Nos primeiros anos do século em curso, o escritor Sílvio Cerceau fabulou o romance *Vitrine*



humana (2004) por meio de um olhar assumidamente sociológico, a fim de ficcionalizar múltiplas histórias com temas nevrálgicos para sociedade atual, como: prostituição masculina, homossexualidade, narcodependência e soropositividade. Em uma das várias histórias paralelas, o personagem Beto intercambia seu corpo jovem torneado e com “membro descomum”, assumindo-se enquanto heterossexual que se prostitui motivado por dinheiro: “[...] faço programas. Gosto de sair com mulher, só fico com outro cara para satisfazer meus caprichos [...] dinheiro, roupas, viagens, contas de bares” (CERCEAU, 2004, p. 135). Assinalamos que Beto, embora não seja de classe média alta, não é um indivíduo lupenizado como geralmente aparece o corpo-prostituto na ficção brasileira.

O personagem mantém um relacionamento com uma mulher, por isso prostitui-se clandestinamente nas ruas de Belo Horizonte, passando gradativamente ao exercício da prostituição para conquistas materiais. Depois, torna-se dependente de narcóticos, o que gera nele dramáticos efeitos físicos e psicológicos, forçando-o a adotar comportamentos criminosos, como roubo e extorsão, ao passo que tenta livrar-se da dependência em intermitentes internações em clínicas de reabilitação.

Além dos estupefacientes que aparecem no conteúdo de programas com determinados clientes, o personagem, corpo-prostituto dependente em narcóticos, tem outras experiências ao se mercantilizar no sexo:

Beto e Ricardo conseguiram um bom cliente. – Garotos dispam-se. Pediu naturalmente. Os rapazes tiraram a roupa, começou então uma maratona de sacanagem. O homem batia com um chicote em Ricardo enquanto Beto o penetrava, puxando seus cabelos, Ricardo quase não suportava a dor. Felizmente o homem urrou feito um animal [...] – Agora vamos fazer o contrário, afinal tenho mais alguns minutos, quero que deem uma surra e gozem sobre meu corpo. Beto pegou o chicote e com toda raiva bateu no homem que gemia de prazer, enquanto Ricardo se masturbava sobre seu corpo. (CERCEAU, p. 30)

A experiência sexual do *ménage à trois* vivenciada por Beto, envolvendo mais dois sujeitos desconhecidos, outro garoto de programa (Ricardo) e o personagem pagante, possibilita-lhe a realização de fantasias e transgressões oportunizadas pelo exercício da prostituição (BARRETO, 2012). Pela perspectiva do personagem pagante sadomasoquista, a concretização de sua fantasia erótico-sexual dissidente das práticas sexuais convencionais é possibilitada nesse “território de prazeres ilegítimos” (CECCARELLI, 2008) da prostituição, onde ele pode vivenciar fantasias sexuais inconfessáveis sem ameaçar a sua identidade social. Convém sublinharmos que a descrição de práticas sexuais de sadomasoquismo e *ménage à trois* configura-se enquanto conteúdo novo das relações sexuais dentro do espectro de representações do corpo-prostituto na literatura brasileira de temática homoerótica.

Por fim, notamos que há diversas modulações para a ficcionalização do corpo-prostituto na

literatura brasileira de temática homoerótica. Em vista disso, embora haja uma espectro de práticas, situações e particularidades em cada narrativa, é congruente, entre os objetos literários analisados, a presença hegemônica do corpo jovem que se prostitui – mesmo imberbe e adolescente – sempre representado por uma masculinidade marcada por insígnias viris, geralmente empobrecido e subalternizado. Essas marcas lançam-nos em um jogo de intercambialidades econômico-sexuais com homens mais velhos (a grande maioria) donos do capital, quase sempre abjetos pela idade, fato que os forçam a recorrer ao trabalho sexual para poderem gozar sexualmente se não quiserem permanecer na invisibilidade, na exclusão e no isolamento social.

De modo recorrente, há uma perspectiva de representação em relação ao que impele os corpos-prostitutos a mercantilizarem-se sob a égide da motivação monetária em detrimento e/ou apagamento do desejo, do prazer em prostituir-se – e a marcante presença diegética que se ancora na tentativa de escamoteamento e/ou de uma configuração que se quer sub-reptícia face à inclinação homoerótica dos personagens prostitutos – decorrente, possivelmente, de uma cosmovisão dos escritores. Isso é resultado de uma espécie de olhar “etnográfico” externo (observador de fora) em que a autoria empírica parece enxergar e/ou sublinhar somente o fundamento socioeconômico para a construção de seus sujeitos ficcionais prostitutos. Embora concordemos que esse seja muitas vezes um grande e aparente fator desencadeante para a prostituição, acreditamos que não seja o único nem deva ser o mais relevante para entender o porquê de os personagens prostituírem-se. Essa reflexão é confirmada quando confrontada com produções escritas por prostitutos (blogues, por exemplo) quando decidem publicizar relatos de suas experiências na prostituição (escritas de si), por meio das quais dão relevo ao componente do prazer e da sexualidade como fator motivacional para a inserção no negócio do sexo, não se negando também o agenciamento provocado pelo dinheiro.



Referências bibliográficas

BARRETO, Victor Hugo de Souza. “Vamos fazer uma sacanagem gostosa”: *Uma etnografia da prostituição masculina carioca*. Niterói-RJ: EDUFF, 2017.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. “O único roteiro é o corpo. O corpo”. In: CAMARGO, Fábio Figueiredo et al. (org.). *Ensaio sobre romances dos séculos XX e XXI*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014. p. 154-178.

CANABRAVA, Luiz. “Aprendizado”. In: DAMATA, Gasparino. (org.). *Histórias do amor maldito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968. p. 111-119.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição – corpo como mercadoria. In: *Mente & cérebro – Sexo*, São Paulo, v. 4, ed. especial, p. 1-14, dez. 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8223398-Prostituicao-corpo-como-mercadoria-in-mente-cerebro-sexo-v-4-edicao-especial-dez-2008.html>. Acesso em: 13 abr. 2016.

CERCEAU, Silvio. *Vitrine humana*. Belo Horizonte, MG: CIP, 2004.

CONNELL, Robert William. La organización social de la masculinidade In: *Isis Internacional – Ediciones de las mujeres*, Santiago, Chile, n.º. 24, p. 31-48, jun. 1997. Disponível em: http://www.sidocfeminista.org/images/books/01079/01079_00.pdf. Acesso em: 14 abr. 2018.

_____; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito In: *Estudos feministas*, Florianópolis, SC, vol. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 19 out. 2017.

DAMATA, Gasparino. A desforra. In: _____. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

GOMES JÚNIOR, João. “Frescos” e “bagaxas”: apontamentos acerca do discurso médico sobre a homossexualidade e a prostituição masculina no Rio de Janeiro entre 1900 1930. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 20., *Anais*, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2017, p. 1-11. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502217480_ARQUIVO_JOAOGOMES_frescosebagaxas\(anpuh2017\).pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502217480_ARQUIVO_JOAOGOMES_frescosebagaxas(anpuh2017).pdf). Acesso em: 23 jun. 2018.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino e Cássio A. Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MALUCO, Capadócio. *O menino do Gouveia*. Uberlândia, MG: O sexo da palavra, 2017.

NARDI, Henrique Carlos. Sexo e poder nas tramas pós(?) identitárias: reflexões sobre a prostituição masculina. In: LOPES, L. P. da M.; BASTOS, Liliana Cabral (org.). In: *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 215-234.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record: 2008.

_____. *A céu aberto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record: 2008.



PENTEADO, Darcy. A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social. In: _____. *A meta*. São Paulo: Símbolo, 1976. p. 65-88.

RAWET, Samuel. O encontro. In: _____. *Os sete sonhos*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967. p. 22-26.

_____. Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror. [1981]. In: RUFFATO, Luiz. (org.). *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. p. 147-150.

SANTOS, Elcio Nogueira dos; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, vol. 24, nº 1, p. 133-154, jan./abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2016000100133&script=sci_abstract&tIng=pt. Acesso em: 2 jul. 2016.

SILVA, Aguinaldo. Confissões de um jovem michê. In: _____. *Memórias da guerra*. Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 83-101.

